



ANO 7 - Nº 75 - AGO/97

LIBERA...

INFORMATIVO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
CAIXA POSTAL 14576 - CEP 22412-970 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
PARTICIPAÇÃO DO CENTRO DE CULTURA SOCIAL/SP - C.P. 2066 - CEP 01060-970 - SP/SP E DA
ASSOC. EM PROL DO PENSAMENTO LIBERTÁRIO - CP 053 - CEP 40001-970 - SALVADOR/BA

70 ANOS DA MORTE DE SACCO E VANZETTI

Há exatos 70 anos, a burguesia completava mais uma de suas obras de iníquas conseqüências. Em 22 de agosto de 1927, os operários Sacco e Vanzetti foram executados covardemente em uma sala, na temida "Casa da Morte", onde encontraram a famigerada cadeira elétrica.

Presos em 1920, suspeitos de um crime que não cometeram, o sapateiro Nicolau Sacco e o vendedor de peixe Bartholomeu Vanzetti, experimentaram momentos de angústia e desespero nos sete anos que os separaram da prisão até o patíbulo. A certeza de um julgamento com veredito anunciado, só amenizado pelas manifestações populares, que chegavam através de cartas e notícias de jornal, produzia nos dois acusados sensações que oscilavam da mais profunda convicção nos seus ideais, até a indignação com os injustiças burguesas.

Era claro, naquela altura, que os imigrantes italianos e anarquistas, eram culpados, única e exclusivamente de sua condição social e não do crime que lhes imputavam. A constatação taxativa de um julgamento político, universalizou o processo e os implicados por todo o mundo. Ultrapassando fronteiras e mesmo imprimindo ao caso uma celebridade histórica.

No Brasil, em 6 de agosto de 1927, o jornal libertário *APlebe* publicava o seguinte artigo:

"Embora todo o mundo proteste ante a iniquidade da sentença, os distribuidores da justiça americana, inexoráveis, cruéis, como a Bíblia de que se alimentam, querem oferecer à face dos povos escravizados pelo guante do capitalismo, o imponente espetáculo da intangibilidade do direito e da justiça burguesa.

Embora se confessem tacitamente errados, os 'honrados' juízes do polvo capitalista, a fim de salvaguardar o princípio de uma doutrina de justiça inquisitorial num tremendo desafio à humanidade, não trepidam sacrificar a vida de dois homens, de dois anarquistas, de dois sonhadores da redenção.

Renova-se assim a tragédia de Chicago.

Sacco e Vanzetti, Parsons, Spies, sonhadores, idealistas, sacrificados em holocausto aos seus princípios de amor e solidariedade - quando será o dia em que o rubro sol da cólera do povo, aos gritos de: Basta de explorações? Basta de crime - rolar pelo mundo afora imponente, vitoriosamente belo?

Sacco e Vanzetti irão ser sacrificados, morrerão à consagração de seu ideal.

A anarquia, porém, jamais morrerá."

Em estilo não menos veemente, manifestou-se o jornalista Mário Rodrigues no jornal *A Manhã*, de 23 de agosto de 1927. Com o título "Odisséia da Redenção", começava ele:

"... Dizem os telegramas que Sacco e Vanzetti estão perdidos irremediavelmente. Talvez apareça nesta edição a notícia do sacrifício

odioso dessas vidas humanas, mortificadas de sobra em sete anos de presídio. Contra o assassinio nefando, levanta-se o clamor de toda a humanidade; o mundo inteiro sofre os horrores da tragédia a esta hora; revolta-se a consciência dos povos; mas, a tamanhos reptos da alma universal, se sobreleva o fetiche das leis, a miséria das fórmulas, a infância dos preconceitos: a justiça americana sentenciou e não há como lhe obstar a frieza inclemente dos ares-tos!

Hedionda justiça... Não se satisfaz como o martírio dos mortos-vivos que as cadeias torturaram, a cada momento, durante eternidades. Nutre-se do furor sádico, triturando presas inermes, ou matando defuntos que se amortalam em vida. Não sabe perdoar. Não sente. Não se comove. A carantonha molda-se-lhe na pedra e só se anima de arestas repulsivas. Supõe-se a quintessência das civilizações requintadas e despercebe-se da fragilidade das

contingências humanas de que ressumbra o seu espírito falível. Eu a odeio, odeio essa comborça odienta, cujo ventre, presumido de fecundar-se ao raio divino do sol, supura a gangrena de avarias torpes, gerando os grandes erros, as iniquidades calamitosas. Sacco e Vanzetti! A cadeira elétrica torrará esses corações, mas a eletrocussão determinará tal revol-ta de hemisfério a hemisfério, que maldita ficará sendo ao correr dos séculos a raça empedernida dos

Mário Rodrigues

juízes implacáveis, cujos ouvidos se trancam aos gritos de inocência, de desarmados, para não os examinar, nem reter. Eu, da minha humildade, odeio a abjeta organização legal que, depois de genufletir aos pés dos bezerros de ouro, se desvaira de cio, a multiplicar os suplícios dos fracos. Da minha insignificância eu prevejo o dia da terrível revindita, do formidável ajuste de contas, em que os castigos de Deus estrelejarão, definitivos, desse monstruoso acervo de crimes da precária justiça humana e das fátuas leis humanas, jactanciosas da sabedoria eterna, atributo sagrado dos céus. Sacco e Vanzetti! Tornar-se-ão lemas, símbolos, bandeiras da cruzada geral que as nações, sequiosas de direito, e os povos unidos pela solidariedade da mesma angústia, hão de desfaldar, um dia muito próximo, contra a ignomínia dos assassinos le-gais. Dia virá, que não tarde, a fim de refulgir sobre os destroços dessa cultura de dólares e batatas, na qual falta lugar para a clemência. Oh! civilização maldita, que se ceva na morte! Oh! maldito verme!

Não choremos, contudo, a imolação de Sacco e Vanzetti.... Dela raiará a alvorada".

A morte de Sacco e Vanzetti, não surtiu o efeito esperado pelos seus carrascos. Ao contrário, o exemplo da resistência destes trabalhadores e suas idéias libertárias, passavam a embalar os sonhos mais caros aos revolucionários de todo o mundo.

"O capitalista é o vencedor de uma partida de pôquer a bordo do Titanic." *Le Monde Diplomatique*

ASBOCAS

DANDO FORMA À UTOPIA

O que queremos é vida digna para todos os seres humanos. Vida digna para todos, independente de sexo, raça, instrução, profissão, idade, estar empregado ou não, religião, nacionalidade. Vida digna sem qualquer distinção.

O conceito de dignidade que vem sendo difundido na mídia capitalista é direcionado pela moral burguesa. Para a burguesia e a classe média, um homem digno é aquele que tem dinheiro e poder, e se comporta de acordo com suas regras. Para os mais pobres, mais oprimidos e explorados, o conceito de dignidade é limitado à honestidade. A dignidade de que falamos implica igualdade, liberdade e solidariedade, e não aceita a exploração do homem pelo homem.

Entendemos que o respeito básico pelo ser humano compreende a garantia para cada um e para todos, sem distinções: saúde (alimentação, higiene, atendimento médico, hospitais, terapias, lazer), educação (escolas, atividades culturais, atividades físicas), abrigo (residência em local com saneamento, limpo e saudável), renda-padrão (igual para todos, independente de estar ou não empregado) e ocupação em sua comunidade (como meio de criação, construção e crescimento, sem exploração; trabalho visto como opção e construção da comunidade, nunca como obrigação).

Hoje, a procura por um trabalho é extremamente cruel. O capitalismo a cada dia precisa de menos mão-de-obra e os homens têm que trabalhar para garantir sua sobrevivência precária. Vida digna, nem pensar. Esta luta é desigual e injusta. O respeito pelo ser humano exige que todos tenham garantido saúde, educação, abrigo, renda-padrão e ocupação.

Outra questão fundamental é a liberdade de expressão. Quando aparece algum conflito, este deve ser aprofundado e discutido. Ouvindo as críticas é que podemos respondê-las e/ou melhorar. Criticando, apontando erros e injustiças é que conseguimos construir uma sociedade libertária.

Quanto à informação, na sociedade competitiva e capitalista, é dado a quem ocupa um cargo de gerência, ou

direção, o direito de manipular a informação, selecionar o que pode ser dito e o que deve ser escondido, e este procedimento tem sido aceito por todos sem contestação. Mas este é um procedimento absurdo, um dos alicerces da sociedade opressora e exploradora.

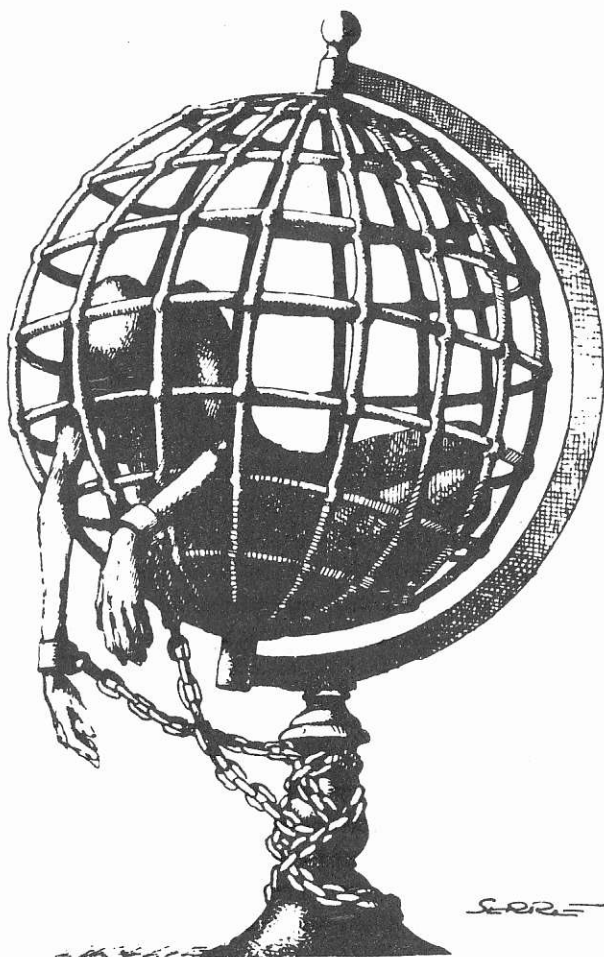
Uma sociedade libertária, igualitária, solidária e digna tem por princípio a total transparência de toda a sua estrutura, de todo seu fluxo de informações. Quem ocupar um cargo de administração ou gerência tem a obrigação de manter todas as informações disponíveis e bem apresentadas.

O treinamento técnico, o estudo e o aprofundamento do indivíduo em determinado assunto, prática ou técnica cria naturalmente especializações. E naturalmente as atividades são exercidas por quem está preparado para tal; ao mesmo tempo, as pessoas se preparam para exercer determinada atividade (gerando músicos, sapateiros, médicos, terapeutas, matemáticos, físicos, instrumentistas, agricultores, pintores, etc.) Numa sociedade libertária não há distinção entre os indivíduos em função da atividade que exercem e nenhuma especialização ou cargo ou poder, assim como não existem as autoridades, não existem as hierarquias.

A base de tudo é a igualdade, que numa visão macro leva à internacionalização. As nacionalidades são um meio de garantir vantagens para uns e miséria para a grande maioria. A nacionalidade também implica a imposição de leis e regras de interesse de grupos minoritários e poderosos que controlam os países. A divisão do planeta em países leva à segmentação da humanidade, à disseminação de ideologias fascizantes e preconceituosas, à maquinação de guerras, destruição e extermínios, ao incentivo à postura homem contra homem, à incitação do ódio e da vingança da humanidade contra si própria, enfim, ao enfraquecimento da humanidade diante do capital.

Uma forma de reagir ao poder do capital sobre o ser humano é aplicar nossa consciência, lógica, inconsciência, sentimentos e intuições para a construção de uma vida libertária em todo o planeta. Não é nem mais uma questão de ponto de vista. Hoje é questão de sobrevivência. Ou vivemos na igualdade e liberdade, ou nos dirigimos para o abismo da competição, opressão, exploração, destruição, sofrimento, dor e morte. Morte não para um ou outro indivíduo, mas para a vida humana no planeta.

Uma forma de reagir ao poder do capital sobre o ser humano é aplicar nossa consciência, lógica, inconsciência, sentimentos e intuições para a construção de uma vida libertária em todo o planeta. Não é nem mais uma questão de ponto de vista. Hoje é questão de sobrevivência. Ou vivemos na igualdade e liberdade, ou nos dirigimos para o abismo da competição, opressão, exploração, destruição, sofrimento, dor e morte. Morte não para um ou outro indivíduo, mas para a vida humana no planeta.



Assinatura semestral de apoio (R\$ 7,00); pacote de 10 Liberas (R\$ 3,00);

solicite a nova tabela de publicações à venda.

Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c

Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o CELIP (Aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal.)

Tiragem: 2:000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião do Coletivo Editorial do CELIP.

Antonio Maria da Silva

O Estado “cosmopolita” e o povo caipira

Fica difícil alguém, *a priori*, definir um fato contemporâneo como “histórico”, tomando-se como “histórico” algo que vá influir nos destinos de uma sociedade de forma marcante e memorável. No entanto, podemos considerar como aspirante a esta categoria a presente manifestação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. A grande marcha efetuada pelos mais do que simbólicos 1.000 quilômetros de chão, até a chegada badaladíssima à capital federal, impressiona por ser visível, atrás dela, o poder de mobilização demonstrado por esse movimento. Até há pouco tempo atrás, esta capacidade era, deliberadamente ou não, subestimada pela chamada “grande imprensa” e pelos círculos políticos, particularmente aqueles próximos ao núcleo governamental.

Em verdade, o acontecimento só mereceu a devida atenção dos mídia e dos setores políticos quando a sua potência revelava-se de forma tão clara que não se podia mais ignorá-la. Foi exibida à exaustão o apoio ostensivo das chamadas “forças progressistas” e esquerdas à marcha sobre Brasília, e ao evidente esforço de muitos em “pegar carona” na manifestação, com os fins normalmente esperados daqueles que encaram a política como uma profissão em si. Não seria de todo despropositado interpretar na confrontação-diálogo do Governo

FHC com o MST, mais precisamente, das elites políticas brasileiras cada vez mais recicladas sob discursos neoliberais e globalizantes, e os empobrecidos do campo, proletários e proletarizando, o alargamento do abismo histórico entre as aspirações de uns e de outros.

O irônico epíteto de “caipira”, atirado com cordialidade calculada sobre o brasileiro em geral, vem com a preconceituosa zombaria do homem brindado com oportunidades de valorização pessoal e social, diante de um variado espectro de pessoas que, brindadas ou não com essas oportunidades, não lograram obter a visão elevada que ele aparenta ter obtido. As elites políticas brasileiras, que têm em geral tais oportunidades, poderiam realmente se interessar pela realidade dos despossuídos do campo? Poderá dialogar a sério com um movimento que pretende representar imensas camadas da população, se não prisioneiras, pelo menos atadas à miséria e à marginalidade por um verdadeiro cabo de guerra, puxado cada vez com mais força pelos músculos de um capitalismo revigorado?

Agora que a grande novidade é a globalização, regada a “neoliberalismo”, nossas elites, secularmente voltadas para o exterior, certamente vêem nela a chance de se integrar definitivamente a ele. Esta constatação evidencia-se naqueles que consideram o fato de poder viajar, trabalhar e estudar no Primeiro Mundo, ser aceito no convívio de suas

elites, e comungar dos sentimentos delas, como títulos de superioridade total e absoluta sobre quem não pôde obtê-los. No caso, os brasileiros pobres e ignorantes que só têm na vida a experiência do Brasil pobre e ignorante.

O estilo de governo que é apresentado como mais eficiente e racional, moderno e ágil, expõe, na sua lógica, uma arena política áspera e “objetiva”, desligada de sentimentos e emoções, mesmo as mais legítimas e justificadas; uma economia áspera e utilitária, desligada de qualquer subjetividade humana que possa atrapalhar o livre exercício do poder do mercado. O próprio movimento sem-terra é recebido pelas autoridades em Brasília não tanto por suas reivindicações, mas por ter suportado bem o teste de resistência que o desprezo governamental pela reforma agrária lhe impôs.

A produção de um imaginário social que tornou o caipira ou jeca elemento estereotipado do comportamento do brasileiro não é nova, embora obedeça a matizes distintos de acordo com os momentos históricos do País. A obra Urupês, de Monteiro Lobato, emblema de uma preocupação em dar conta de uma realidade, já caricaturava a figura do nosso homem do campo, minado pelas endemias rurais e debilitado por um peso cultural secular que o obrigava a relacionar-se com o mundo em posição acorçada, postura esta simbiótica das permanências indígenas e sujeição cabocla. A imagem do caboclo, jeca ou caipira confirma, para a elite, a necessidade do progresso ditado por uma consciência européia (ainda em sua matriz) que assume no Brasil ares de modernidade. FHC até há bem pouco tempo condenava o MST a uma versão primitiva de luta social, revelando coerência com o seu marxismo de conveniência. Hoje, é intimado pela dinâmica do movimento camponês a rever suas teses, formuladas com o preconceito da velha aristocracia rural, ilustrada pelas vertentes intelectuais da Europa.

Com a reação dos caipiras ou “primitivos” que levantando de sua posição acorçada, passam a escrever sua história, a perplexidade do “supremo mandatário” do país deve ter sido grande, até porque esta atitude dos grupos rurais foge dos receituários da velha esquerda marxista ou mesmo da corrente liberal.

O sítio do palácio do Planalto e da capital da república, planejada para impedir manifestações desta ordem, estremeceu a opinião pública e com ela as certezas acadêmicas dos grupos de poder. A história pregou uma grande peça no “Príncipe dos Sociólogos” que junto com sua estirpe tentou, com retórica, apagar o valor ou mesmo bestializar as camadas exploradas da população.

João Madeira & Zé Ripa

AVELINO PUNK

Recebemos a dolorosa notícia do falecimento do nosso companheiro e velho correspondente Avelino, o “Avela Punk”, ocorrida no dia 28 de março deste ano. Transcrevemos a seguir trechos da carta da companheira Márcia, de Sorocaba / SP, que militou com o nosso saudoso amigo:

“Vocês me pediram que escrevesse um pouco sobre o Avela, então vou tentar escrever sobre o cara mais libertário que já conheci. Ele não tinha um lugar certo para morar pois sua família, de Tatuí/SP, desprezava-o. Por serem todos crentes, acharam que ele estava com o demônio. Aí ele dormia pelas ruas, ao relento, um dia em Tatuí, outro em Sorocaba... Não tinha trabalho fixo e se recusava a enriquecer o bolso dos burgueses. Então, ele prestava serviços que fossem suficientes para sua sobrevivência.

Conseguiu viver até os 23 anos e, por onde passava, cativava muitas pessoas, dividindo suas idéias e sua bondade com todos. O mundo foi ruim demais com ele... A maneira como ele queria e conseguiu viver estava cada vez mais difícil.

Na sexta-feira, 28/3, ele fez o Manifesto da Páscoa, que deveria ser distribuído no domingo. Ao anoitecer ele disse a um amigo: “Talvez você não me veja mais”. No sábado, seu corpo foi encontrado em um sítio (em Tatuí) e, após a autópsia, os médicos disseram que ele morreu por overdose, após ter usado três tipos de drogas. Neste sítio, planejavamos uma comunidade libertária, onde fariamos palestras, shows e uma horta comunitária.

Segundo um amigo de Tatuí, todos os seus pertences foram queimados por sua família.

Olha, eu nunca mais vou encontrar um amigo como ele, sincero e honesto, que dividia até o que não tinha.

Comigo fica a eterna recordação de um maravilhoso libertário, digno de respeito e carinho”.

NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

SÃO PAULO: A Federação Anarquista da Baixada Santista (FABS) e a Agência de Notícias Anarquistas (ANA) lançaram na Internet um site dedicado ao anarquismo, com textos, dicas culturais, notícias, poesias, etc... O endereço é <<http://www.bs.net.com.br/usr/fabs>>

PATAGÔNIA / GALÍCIA: O centenário do nascimento de Antonio "Gallego" Soto será celebrado com uma série de homenagens, tanto na Argentina, como na Espanha. "Gallego" Soto foi um dos expoentes nas jornadas de luta dos trabalhadores patagônicos contra a exploração, no início da década de 20. As humildes reivindicações desses trabalhadores foram esmagadas barbaramente pelo exército argentino, que fuzilou centenas de homens. A homenagem a "Gallego" Soto é, também, uma homenagem a todos/as os/as trabalhadores/as latino-americanos que viveram e morreram lutando por liberdade e dignidade. E como escreveu o companheiro Osvaldo Bayer: "A ética é uma semente maravilhosa que pode ficar adormecida durante séculos mas, de repente, brota, regada pelo sangue, pelo suor e pelas lágrimas dos homens e mulheres livres." Maiores informações sobre "Gallego" Soto e as lutas sociais de seu tempo, escrevam para: GLA; CC984; 2000 Rosário: Argentina/ Ateneu Libertário Ricardo Mella; Apdo 928; 15080 A Coruña; Espanha.

RIO DE JANEIRO: Novos endereços libertários pelas bandas da baía de Guanabara! O Coletivo Anarco-Punk Contrastes vem se organizando e teve participação ativa na recente ocupação urbana no bairro da Pavuna, junto com o Mutirão e o MTST (Contrastes; CP 23070; CEP 20921-970; Rio/RJ) O companheiro Anderson, de Natal/RN, agora está por aqui e publicou o nº 6 do zine Um grito pela Paz, "opúsculo aperiódico de nomenclatura anarco cultural (CP 93791; CEP 25900-970; Magé/RJ) O zine P@RaToDoS já tem endereço postal (CP 9110; CEP 22272-970; Rio/RJ), além do site na Internet, que esqueçamos de publicar no Libera 72 (<<http://www.geocities.com/~bloodstorm/>>) O grupo Mutirão publicou o nº 0 do boletim A Peleja, excelente órgão informativo que deve ser conhecido por todos/as aqueles/as que preconizam um anarquismo militante, organizado e inserido nas lutas sociais (CP 126049; CEP 24240-970; Niterói/RJ).

EXPOFANZINES: Será realizada pelo 8ª vez, entre os dias 3 e 11/10, a ExpoFanzines de Ourense, juntamente com IX jornada de Quadrinhos. Os organizadores aguardam até o dia 29/08 o envio de materiais (zines, informativos, jornais HQs, etc...) Remessas para: Coletivo Phanzynex; Rua Manuel Murguía, 15-5º-D; E - 32005 Ourense; Espanha.

ANARCO-PUNK: O Coletivo de Ação Anarco Punk (SC) e o MAP de Montevideo, convocam punks, anarquistas, autônomos, anarco-sindicalistas, antimilitaristas e todo tipo de livre pensador/a a participar do Encontro Internacional Anarco-Punk, a ser realizado em janeiro de 1998 no Uruguai. Maiores informações: CP 758; CEP 88010-970; Florianópolis/SC (<a9512827@ccb2.ccb.ufsc.br>) ou C.C.15029; 11400 Montevideo; Uruguai## A Comissão do Arquivo Punk do CCS/SP informa que seu acervo está sendo listado e, quem desejar receber a lista, deve entrar em contato. O Arquivo também solicita a todos as o envio de zines, infos, cartazes, panfletos e flyers relacionados ao movimento punk (CP 2066; CEP 01060-970; São Paulo/SP - A/C: Arquivo Punk).

CADERNOS: Já foram publicados e estão disponíveis os "Caderno/Palestra" números 1 e 2. O primeiro, com 36 pág. trata do "Movimento Punk" e apresenta a transcrição de uma palestra sobre o tema proferida no CCS/SP em dezembro de 1987. O nº 2 (39 pág.) possui as transcrições de palestras sobre o "Movimento Operário" (Edgard Leuenroth, 1965) e "Memória e Cidadania" (Edgar de Decca, 1992). Está para sair um 3º fascículo com a transcrição da palestra "70 Anos da greve de 1917",

proferida por Jaime Cuberos, Margareth Rago e outros. Pedidos para: CP 56071; CEP 03999-970; São Paulo/SP.

BH LIBERTÁRIO: O Centro de Cultura Libertária de Belo Horizonte/MG estará organizando entre os dias 1 e 3/08 um encontro libertário, com a realização de 4 palestras, entre elas, "Um Passeio pelo Anarquismo Português e Espanhol", por dois companheiros que recentemente estiveram na Península Ibérica. O evento será realizado no Centro Sindical Armando Ziller (CCL; CP 1293; CEP 30123-970; BH/MG).

O LIBERA... VAI ACABAR!

A coisa tá feia, pessoal! É, a continuar assim, este informativo que você tanto gosta não vai durar muito. E não é por falta de pique ou de tesão em produzi-lo, editá-lo e distribuí-lo, é por falta de dinheiro mesmo! O barco está afundando e, se você não ajudar, vai submergir com "Guy Fawkes" e tudo, o mais periódico dos informativos libertários da América Portuguesa.

As assinaturas minguaram, nosso estoque de livros e adesivos está quase no fim e, as colaborações vindas de membros de CELIP, estão reduzidas a expressão mais simples.

Mandamos centenas de *Liberas* todo o mês para diversas organizações libertárias de todo o país e não recebemos apoio econômico algum destas. A maioria daqueles leitores que recebem periodicamente os exemplares do nosso info, não contribui com nada, nem mesmo acusa recebimento. Infelizmente, é grande o número de pessoas que mantem uma relação completamente passiva em relação ao *Libera*...

Gastamos uma grana firme com o despacho do *Libera*... e com nossa correspondência normal e, só pra lembrar, o Correio acaba de aumentar.

Em vista de nossa difícil situação, teremos que adotar algumas "medidas de sobrevivência".

- Certaremos gradativamente o envio do *Libera* daqueles/as leitores/as "passivos";

- Tivemos que aumentar o preço do "pacote" de 10 *Liberas* para R\$ 3,00; da revista *Utopia* 2 e 3 para R\$ 4,00 cada e das nº 4 e 5 para R\$ 3,00 cada. O pacote com as 4 re-vistas sai a R\$ 12,00

Companheiros/as, o *Libera*... não visa o lucro (era só o que faltava...) tampouco aceita propaganda. O *Libera*... só quer continuar existindo e cumprindo um papel que julgamos importante para o movimento e o pensamento libertário. E você, acha que o *Libera*... é importante?? Se acha, então nos ajude de alguma forma a mantê-lo vivo. Cada um de acordo com suas possibilidades. Se você não pode nos ajudar (a falta de empregos está braba!) do jeito que gostaria, escreva-nos dando uma força, mandando uns selinhos, o que der. Não temos o menor interesse de cortar a remessa do *Libera*... para os nossos correspondentes e leitores "ativos" em situação difícil.

Mas vocês, que são conscientes da importância do *Libera*... e podem ajudar de alguma forma, façam assinaturas, comprem pacotes, arrecadem grana entre aqueles que gostam dos nossos textos, façam aquela doação que, podem crer, não será para uma "Igreja Universal".

Fazemos um apelo especial aos grupos e organizações libertárias que recebem "o grosso" do *Libera*, que passem a nos apoiar mais intensamente. Não é só com dinheiro, mas através do envio de textos, notícias e material.

E para concluir, voltamos a perguntar: Você considera o *Libera*... importante? Se não, fazer o quê. Agora, se a resposta por sim, faça alguma coisa para que o *Libera*... não entre no rol dos "antigos e saudosos periódicos libertários".

**TODA FORÇA AO LIBERA... AMORE MIO!
TODO APOIO À IMPRENSA LIBERTÁRIA!**

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: LETRALIVRE. CP 50083. CEP 20062-970. RIO DE JANEIRO /RJ * MUTIRÃO. CP 126049. CEP 24240-970. NITERÓI/RJ * CCS/SP. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * ANA. CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP * GRAVIDA. CP 3395. CEP 82001-970. CURITIBA/PR * MLPL. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * CCL/OSL. CP 1206. CEP 66017-970. BELÉM/PA * AÇÃO COLETIVA. CP 230. CEP 85851-970. FOZ DO IGUAÇU/PR * ULBS. CP 2137. CEP 11060-970. SANTOS/SP * AFIM. CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN * COB. CP 7597. CEP 01064-970. SÃO PAULO/SP * UNI-LIVRE. CP 03668. CEP 70084-970. BRASÍLIA/DF * COL. LIBERTÁRIO. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * LUMPEM. CP 38018. CEP 22451-970. RIO DE JANEIRO/RJ * CCL/BH. CP 1293. CEP 30123-970. BELO HORIZONTE/MG * ULMA. CP 710. CEP 65001-970. SÃO LUÍS/MA * ESL. CP 408. CEP 13012-970. CAMPINAS/SP * UAF. CP 96809. CEP 28610-970. NOVA FRIBURGO/RJ * GLON. CP 1078. CEP 58001-970. JOÃO PESSOA/PB * ULM. CP 920. CEP 87010-970. MARINGÁ/PR * FAG. CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS * GRA. CP 333. CEP 09701-970. SBC/SP * TOKA. CP 188. CEP 93001-970. SÃO LEOPOLDO/RS.



...AMORE MIO